

MASTER STARCK

O mais famoso dos designers mudou-se para PORTUGAL e abriu-nos as portas da sua casa em frente ao mar. MEGALOMANO do bem e HUMANISTA por definição, para ele não existem limites na CRIAÇÃO se esta for democrática – por isso, entra na Moda para desenhar sandálias para a Ipanema. Conversador nato, todos os tópicos são tentáculos. Uma vida não lhe chega para tantas ideias. POR PATRÍCIA BARNABÉ. FOTOGRAFIA DE GONÇALO F. SANTOS

Imagine-se um palácio, venerável e austero por fora, um parque de diversões por dentro. Como um *petit gâteau*, a casa de Philippe Starck vai-se revelando à medida que entramos. Dois pianos encostados e sobre um deles um caracol gigante em loiça. Mobiliário cheio de *patine* contrasta com os seus candeeiros-espingarda que disparam pontos de luz. Livros e revistas escancarados ao acaso, um sofá confortável de almofadas desalinhas, uma casa vivida e cheia de vida. E um castelo insuflável cor-de-rosa no meio da sala. O *designer* recebe-nos num sorriso, ténis, calças elásticas coloridas e um casaco *sport* de aspeto tecnológico. “Fala francês?”, pergunta com os olhos pregados na *Les Inrockuptibles* que levava na mão. Não tanto como gostaríamos. E aponta-nos o caminho, no corredor empilham-se exemplares da revista. Num pequeno escritório está Jasmine Abdellatif, uma morena alta, de rosto forte e sorriso franco, que poderia ter desfilado para Jean Paul Gaultier. É o seu quarto casamento, têm uma filha juntos e mudaram-se para Portugal há três anos. Têm casa numa pequena ilha no Norte de Veneza; uma *oyster farm* em Cap Ferrat, Bordéus; em Formentera, Espanha e, claro, Paris mas, um dia, vieram visitar uns amigos ao Carvalhal e, “como andamos sempre a correr, alugámos um helicóptero”, conta o *designer*. “E vi um pequeno porto – tenho um sexto sentido para encontrar bons lugares, passei a vida à janela de um avião, conheço o mundo de uma forma precisa. Na altura, senti: ‘há qualquer coisa aqui’ e antes de regressarmos a Paris, disse: ‘Temos de voltar.’ E quando voltei: Porque não? Foi a melhor pergunta que fizemos na nossa vida, somos incrivelmente felizes aqui. Tivemos um *crush*! Não só pelo País – que é lindo, mas há muitos países lindos – mas pelas pessoas. Se a Europa é o melhor lugar do mundo, Portugal é o melhor lugar da Europa para viver – por causa da qualidade do povo português. Tem qualquer coisa de profundamente elegante e honesto e *bienveillant* [benevolente]. Tivemos um *choc*! Estamos sempre a trabalhar e a viajar, *non stop*, e quando vemos pessoas queremos e precisamos que sejam ‘de qualidade’. Há dias comentei com a minha mulher: ‘Temos melhores

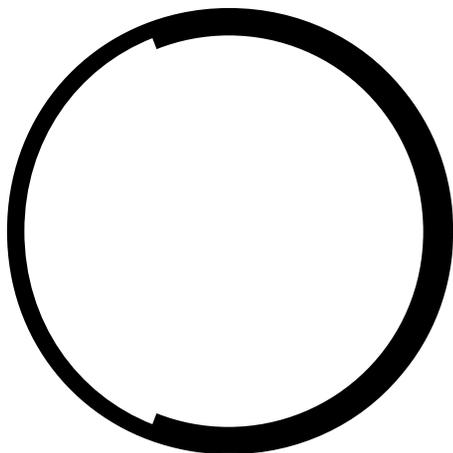
amigos, e mais interessantes, aqui do que em Paris!’ E é verdade. Há muita gente boa, estou pasmado. Foi a melhor coisa que nos aconteceu.”

O *designer* para quem amanhã será sempre menos, trouxe para esta casa apenas o funcional, e só tem o que precisa: “Sapatos...”, enumera – “ténis”, interrompemos apontando para os seus pés. “Ah, foram feitos para mim, num carbono especial, e tenho *T-shirts* e calças feitas para mim – música, a mota (agora menos porque tive um acidente), a *scotter*, a bicicleta elétrica e o avião. Não preciso de mais. Recebo imensos protótipos e presentes, mas tudo desaparece silenciosa e definitivamente! [Risos] É uma autolimpeza, eu chamo-lhe vida”, recosta-se na cadeira. Starck continua: “Nunca usamos carro, mas um ano pensei tanto nisso que quando me decidi ouvi: ‘mas Mr. Starck, já acabámos a produção desse modelo a semana passada!’” [Gargalhada]. E crio tudo aquilo de que preciso: uma bicicleta? Desenho. Óculos? Bagagem? Crio uma marca. Tenho exatamente o que preciso. O tempo para ir a uma loja é exatamente o mesmo que levo a criar uma peça e é mais divertido.” [Risos] “Por isso temos tanto trabalho, são demasiadas ideias!”, remata Jasmine.

Um casal encantador recluso naquele palácio. Nunca saem para exposições, jantares, *cocktails* e coisas do género, “temos uma vida luxuosa de monges”, define Starck, o mesmo que disse várias vezes que o ser humano foi o *design* mais bem conseguido de sempre. Vão à vila ou ao mercado dos vegetais e pouco mais. “Só quando explodimos”, explica. “Ou à noite, pego na minha bicicleta elétrica e vou para Sintra, para a serra, para a Praia das Maças ver as grandes ondas. E aos fins de semana, como o bom português, vamos ao Carvalhal [na Comporta], para a nossa caixa de vidro Mies van der Rohe em frente ao mar, um verdadeiro paraíso, mas onde continuo a trabalhar.” [Risos] E de que precisa numa casa para lhe poder chamar lar? “É fácil, é onde vives com quem amas, seja onde for, em qualquer lugar triste do mundo, até na prisão. Na verdade, estamos numa espécie de prisão!” [Risos] Sempre foi assim? “Sempre fui um pouco autista. Agora falo, porque sou ‘obrigado’, combinámos esta entrevista, claro, [risos], normalmente estou a pensar em projetos, a sonhar.” ▷

Philippe Starck no
ateliê da sua casa,
em Cascais.





Os seus dias são tão inusitados quanto as suas noites. Acordam o mais tardar às 7h da manhã, trabalham um pouco e depois deitam-se ao meio-dia e meio, põem o despertador, 45 minutos. “Estou a preparar a minha tarde”, explica. Depois, “*up up*, tomamos duche, voltamos à mesa e desenho ou escrevo, mas todo o trabalho criativo foi feito durante o sono. E tenho sonhos muito muito estranhos, se são estranhos acordado, a dormir são... *astounding!* Quando vou dormir, digo à minha mulher: ‘Vou trabalhar!’ E acordo extenuado, porque vou a lugares, vejo coisas loucas, *astounding!*, invenções *astounding!*, a qualidade da música, da luz, falo com pessoas e faço coisas que são reais – é profundo e incrível. Pergunto-me, e isto não é uma piada, ‘se a vida real é mesmo real e se se passa durante o dia ou durante a noite. Quando comparo a alta qualidade dos meus sonhos e a minha vida diária, esta é aborrecida. Ainda não sabemos se sou criativo porque tenho ‘esta doença’ nos sonhos ou se é o contrário. *In the end*, nunca estou com os pés no chão, estou sempre a sonhar.”

Esta mirabolância vale-nos algumas das suas criações memoráveis, que puseram o *design* no mapa das artes, ao mesmo tempo que se popularizou. Basta lançar o seu nome no Google e é um sem-fim de projetos, de mobiliário, a objetos quotidianos (dos quais o espremedor de limões para a Alessi é o mais conhecido, ou a escova de dentes ou os ténis da Puma), passando por ambientes de assinatura (o Meurice em Paris, o Royalton em Nova Iorque ou o Sanderson de Londres). Foi dos primeiros a perceber que as casas de banho poderiam ser nobres, recordemos o Paramount de Nova Iorque, o Café Costes de Paris, e aquela casa de banho no Japão onde os homens urinam para um vidro em frente a uma janela sobre Hong Kong, numa sátira ao capitalismo. No seu ateliê empilham-se caixas: “São os projetos em que estou a trabalhar agora.” Ouvimos falar de casas *ecofriendly* e carros elétricos, mas não confirmamos, Starck parece gostar das coisas a seu tempo. A um canto estão frascos de perfume, e confirma-se: vai lançar um aroma de assinatura, *Peau d’Ailleurs*. O livro que lançou chama-se *Impressions d’Ailleurs*. “Estou sempre noutra lado, este mundo não é o meu, é muito, muito estranho”, diz.

Agora aventurou-se no território da Moda, (embora ele não o veja propriamente assim), com uma coleção de sandálias para a Ipanema. “Já fiz quase tudo, mas quanto mais próximo estás do corpo, mais és obrigado a ser honesto – e adoro a honestidade”, diz. Mas faltava-lhe desenhar sapatos. “Já tinha feito umas chinelas em plástico – mas não sabia o que fazer com elas”, conta. “A minha avó sempre me disse: podes estar vestido como quiseres, como lixo, menos os sapatos, são sagrados”, e, recorda que 80% do mundo anda de chinelas, porque é o mais barato e conveniente, então, para ele, o pai do *design* democrático, foi óbvio. Pegou numa estrutura básica do seu pensamento, uma raiz quadrada: “Dividi até ser impossível fazer menos, o meu objetivo era fazer a chinela mais elegante possível e o caminho é ir sempre pelo mínimo, é uma regra

e uma garantia.” O resultado é pura elegância em 48 opções [subdivididas em quatro linhas: clássica, chique, glamourosa e *arty*], “para ter a certeza de que não imponho o meu gosto, e que cada pessoa pode ter o seu par”. É um serviço, não só de Moda, mas de alta tecnologia – “É uma grande indústria, se imaginar que se fabricam 40 milhões de pares por ano, é uah!!” E depois há o que ele não nos contou, mas sabemos: Starck visitou as fábricas da marca para confirmar as boas condições de trabalho.

A sua relação com a Moda sempre foi esquisita. Esteve na Pierre Cardin, mas tinha 17 anos e ficou apenas seis meses, não lhe ocorreu muito mais, “por questões técnicas e por questões filosóficas”, explica. “Cada um tem o seu *know-how*: lá porque desenho bem uma cadeira, não significa que desenhe bem um vestido – e vice-versa”. No seu trabalho, sempre defendeu uma certa inteligência no que pode ser uma definição de inútil. É no inútil que começa o prazer, da Moda e não só, todos sabemos disso. Mas Philippe Starck, muito filosófico e humanista, faz de todos os temas momentos de reflexão. “A Moda é muito jovem, não é de sempre, nem para sempre, como as pessoas julgam”, inicia. “E o *speed* – quem pode acompanhar tantas coleções? E não sei se o mundo o consegue comportar, produzir e encher as gavetas, espero, ou ir para o lixo. É incoerente com o que sabemos sobre o mundo agora. Não sei se a Moda continuará a ser feita pelas mesmas pessoas, pelas mesmas razões e com o mesmo ritmo. Acho estranho que ninguém questione mais o papel da Moda, sabe! Mas, atenção, respeito muito o trabalho de alguns criadores, que é absolutamente deslumbrante.” Por exemplo? “Todos os *designers* de topo são incríveis”, mas Alaïa, que também adora como pessoa, “desenhou o meu vestido de casamento”, revela Jasmine. “E a minha saia de casamento”, acrescenta Starck. “Estava muito chique, todo de preto.”

●● PORTUGAL É O MELHOR LUGAR DA EUROPA PARA VIVER – POR CAUSA DA QUALIDADE DO POVO PORTUGUÊS. É PROFUNDAMENTE ELEGANTE, HONESTO E BIENVEILLANT. ●●

No *countdown* da entrevista, lançamos palavras ao acaso. Beleza: “Nunca falo de Beleza”, diz lacónico. “Vem de um ‘mundo sofisticado’, não é eterna, é consumo, uma palavra muito burguesa, não tenho nada contra a burguesia, mas é um *software* que não tenho, nem na forma, nem na função. Aprecio, acima de tudo, a inteligência, a qualidade e a coerência. O que realmente serve o conceito de Beleza é a harmonia, porque vês e sentes, mas dizer ‘esta casa é uma beleza’ é vazio, não significa nada.” Prefere a palavra humor, certo? Sem humor não há *design*, nem inteligência. “Claro. E posso não ser inteligente e apreciar o humor, porque é uma forma de exercer inteligência, um sintoma. É muito interessante. Pode parecer pretensioso, mas garanto-lhe que não é, e vem de muito cedo (talvez do meu pai quando era pequeno), mas cresci na teoria da relatividade de Einstein que começa por dizer que nada existe para além do tempo. E cresci e vivo numa relatividade estrutural: para mim, nada existe para além do amor, e da relação entre as pessoas. Esta mesa, este

Cadeira e otomano
Cinemascope by Philippe
 Starck. Mesa em
 policarbonato transparente
Sir Gio. *Headphones Parrot*
Zik em pele. Espelho *Anger*
 by Philippe Starck para
 Kartell. Cadeira *Caprice*.
 Chinelo da coleção *Glamour*
 de Ipanema with Starck.



telefone, o ar é tudo a mesma coisa, são apenas átomos com diferentes arquiteturas e a reagir a diferentes eletrificadas. E é tudo. Por isso, quando deixas um nenhures para ir para outro, vives num surrealismo natural. E quando fazes humor, fazes com que nada exista porque fazes piadas de tudo, e nada parece sério, sendo que tudo é sério. O humor é uma forma de ver tudo. E se viveres nele – e eu nunca falo a sério, estou sempre a fazer piadas o que deixa a minha mulher muito nervosa – estás sempre a trabalhar no que estás a ver, porque não acreditas no que estás a ver e fazes uma piada. É vital e uma das formas mais gentis de estar com as pessoas, fazê-las rir. É também abrir-lhes a cabeça e trazer novas ideias. É muito polido.” E é uma forma de sobrevivência, porque quando ris, mantém-se uma certa distância. “Eu mantenho distância de tudo. Não me preocupo.” Estamos todos cada vez mais próximos ou cada vez mais afastados? “Muitas coisas vão mudar. Como diz um grande filósofo e cientista francês: não conseguimos observar as maiores revoluções porque são invisíveis. Agora existem grandes ondas ‘no fundo do mar’, valores morais, que estão a mudar e que vão criar outras relações entre as pessoas. Para já só sabemos que a tecnologia está a afastar as pessoas, mas não acredito que seja para sempre.”

Descarta a religião, considera-a um atentado à inteligência e à independência, uma das piores invenções humanas. É conhecida a sua tirada “*God is dangerous; We are God*”. “Não, não sou crente.” Mas um criativo é sempre um “crente” no que ainda está por fazer, é esse motor que o move: a inteligência, a criatividade, o progresso, a tecnologia, afirmamos. No fundo, um criativo quer mudar o mundo que não lhe serve. “Ah isso sim. Acredito em nós, no génio humano, na bondade, no amor,

em coisas reais, não em alguém que está algures acima de nós e que nos demite das nossas vidas. Quando acreditas que alguém dirige a tua vida, não tens de o fazer. ‘Oh, meu Deus!’ Eu recebi uma educação católica muito forte, e guardei os bons valores: a partilha, a ajuda, a honestidade, a generosidade. Mas detesto a crença e a religião. Mas tens de trabalhar esses valores, vivemos numa sociedade que se esquece muito depressa. Acredito na responsabilidade de cada um. E é preferível evitar qualquer coisa má, a pedir perdão depois.”

Philippe Starck fala sempre de amor nas suas entrevistas, nesta refere-o a cada momento. Ele sorri. “O amor é muitíssimo simples de compreender. Quando és amado, isso não muda a tua vida; mas quando amas, é uma explosão! É o universo, é outra energia! É qualquer coisa que não se imagina, tem um poder maior do que a vida, porque é fora dela. O melhor é amar e ser amado, claro, mas a capacidade de amar em si é a maior dádiva que podemos receber. Podes ter tudo, ser o mais rico e poderoso, se não tiveres amor, não tens nada. Por isso é que são perigosos os dias que vivemos, onde o materialismo substitui tudo. Algumas pessoas estão apaixonadas pelo seu carro desportivo, porque a namorada dá problemas.” Ou escolhem a rapariga para ficar bem no carro desportivo, acrescentamos. “Felizmente, as mulheres estão menos tontas, já não é fácil escolher uma rapariga com um carro desportivo. É melhor com uma bicicleta [risos].” “Elétrica”, remata Jasmine. ●